

**UM ESTUDO PRELIMINAR
SOBRE O PRINCÍPIO DA UNIDIRECIONALIDADE
NO FUTURO VERBAL**

Milca Cerqueira Etinger Silva (UESB)

milcacerqueira@gmail.com

Valéria Viana Sousa (UFPB/UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UFBA/UESB)

adavgvstvm@gmail.com

RESUMO

Quando tratamos de mudança linguística na perspectiva funcionalista logo associamos à gramaticalização, que é, a rigor, sustentada pelo princípio da unidirecionalidade. Como característica básica desse princípio, tem-se a irreversibilidade direcional da mudança. À vista dessa conceituação, propomos, neste trabalho, verificar esse princípio na formação do futuro verbal. E com o questionamento sobre o caráter irreversível da unidirecionalidade, nos apoiamos na teoria multissistêmica de Castilho (2004), na medida em que admitimos a hipótese de que, na gramaticalização do verbo *ir*, o processo que ocorreu no latim (forma analítica > forma sintética) está sendo realizado de forma inversa no português brasileiro atual (forma sintética > forma analítica).

Palavras-chave: Funcionalismo. Unidirecionalidade.
Teoria Multissistêmica. Futuro verbal.

1. Introdução

Em épocas remotas, pesquisas linguísticas tentavam explicar mudanças nas línguas naturais por meio da analogia, mudança de som ou empréstimo. Nós, para tratarmos da evolução dos itens linguísticos, recorreremos aos estudos sobre gramaticalização, processo delineado segundo os princípios da teoria funcionalista. Com base em uma noção mais abrangente, podemos afirmar que esse processo implica a passagem de elementos lexicais (categoria concreta) à função de unidades gramaticais (categoria mais abstrata). Essa trajetória é sustentada pelo princípio da unidirecionalidade. Na teoria clássica, “a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 2004, p. 121). Contudo, alguns estudos mais recentes, com um viés cognitivo, entre eles, os desenvolvidos por Castilho (2004) e Votre (2000), indagam sobre o caráter unidirecional e

gradual da gramaticalização. Castilho (2004), por exemplo, propõe uma teoria Multissistêmica, que repensa a língua como um sistema complexo e dinâmico de processos e produtos não lineares. Ou seja, nessa abordagem, os itens lexicais, gramaticais, discursivos e semânticos ocorrem simultaneamente, não derivam uns dos outros. E esses elementos são ativados, reativados e desativados por um dispositivo sociocognitivo, o que compromete o princípio da unidirecionalidade.

Nesse sentido, discutiremos o princípio da unidirecionalidade da gramaticalização e, com o propósito de fornecer evidências que refutam o caráter irreversível da unidirecionalidade, teremos como base a teoria multissistêmica. Para tanto, observaremos, sob uma perspectiva diacrônica e sincrônica da língua, o futuro da forma verbal no latim e no português brasileiro.

2. Fundamentação

2.1. Gramaticalização

O termo gramaticalização foi estabelecido por Meillet (1912), que o definiu como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1992, *apud* NEVES, 2004, p. 113). Ao procurar descobrir a fonte primária da palavra gramatical, Meillet (1992) observou que a origem desse vocábulo provinha de um termo lexical que perdia a força devido ao uso, à repetição. A passagem do léxico > gramática foi caracterizada como um *continuum*, do concreto ao abstrato, que envolve a sequência interna sintaxe > morfologia.

Segundo Cezário (2013, p. 42), as noções que embasavam a gramaticalização e o seu modelo de análise são anteriores a Meillet. No século XVIII, por exemplo, já se tem a ideia de explicar a mudança sintática por meio da abstratização de um item lexical, ou seja, palavras abstratas derivavam de usos concretos de termos. São palavras da autora:

segundo Heine et al. [...], alguns linguistas consideram Horne Took o pai dos estudos da gramaticalização, pois ele declara, primeiramente em trabalho publicado em 1786 (com publicação posterior em 1857), que o mistério das palavras pode ser desvendado através do estudo etimológico: advérbios, preposições e conjunções seriam resultantes da abreviação ou *mutilação* de substantivos e verbos, e formas flexionais e derivadas seriam fragmentos de palavras independentes. (CEZÁRIO, 2013, p. 44)

Ainda assim, apesar de demonstrações de que o conceito de gra-

maticalização já outrora existia, estamos de acordo com os estudos que apontam Meillet como introdutor do termo gramaticalização e precursor dos estudos sobre esse fenômeno.

Desde a definição do termo gramaticalização, diferentes concepções sobre o fenômeno despontaram. O conceito a ser atribuído a esse processo depende, no entanto, do objeto analisado e do método adotado para compreender a transição da palavra.

A definição proposta por Heine et al. (1991) e Hopper e Traugott (1993) é bastante semelhante. Para esses teóricos, a gramaticalização é definida como um processo pelo qual itens lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções (NEVES, 2004, p. 115). Foi o que encontramos:

Heine *et al.* (1991) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Do mesmo modo, Lichtenberk (1991, p. 38) afirma que o fenômeno abriga não apenas a evolução de um morfema lexical para um morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Ainda Hopper (1991, p. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização (NEVES, p. 120-121).

Conforme essa visão, o percurso do processo de gramaticalização não precisa, necessariamente, começar pelo item lexical, a trajetória pode se iniciar por um elemento já gramatical.

Nesse trajeto, de acordo com Heine e Reh (1984 *apud* Neves, 1997, p. 121), as unidades linguísticas lexicais perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em substância fonética. O que era relativamente livre de restrições fica mais sujeito a restrições (mais fixos). Nesse processo de fixação, podemos ter como exemplo os verbos auxiliares, como *ir*, que, conforme Votre (1996), sempre precede o verbo em uma sequência direta.

Lichtenberk (1991 *apud* Neves, 1997, p. 120), por sua vez, afirma que a gramaticalização não envolve apenas a evolução de um morfema, mas também a aquisição de novas propriedades. Quando esses elementos linguísticos adquirem novas propriedades, consequentemente, eles mudam de categoria. Esse processo não ocorre simultaneamente, a forma nova começa a ser usada como variante até que ocorra uma possí-

vel substituição pela forma velha. Na constituição da perífrase de futuro a partir do *ir*, podemos afirmar que tal verbo passou a pertencer à outra categoria: a de verbo auxiliar. Ademais, convive com a forma sintética de futuro.

Conforme Castilho (1997), a gramaticalização pode ser compreendida como

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.(CASTILHO,1997,p.31)

Assim, tomando como suporte a conceituação de Castilho (1997), em termos mais gerais, podemos denominar a gramaticalização como um processo pelo qual um vocábulo, em virtude do frequente uso, ganha novas propriedades, sofre restrições e pode desaparecer como consequência de uma cristalização.

Apesar dos diferentes conceitos envolvendo a gramaticalização, é comum, entre as pesquisas linguísticas que se envolvem nessa área, o pensamento de que categorias derivam de outras e de que há distinção entre elementos lexicais e itens gramaticais. Veremos mais adiante que, ao propor uma teoria Multissistêmica, Castilho (2004) sugere uma nova reflexão sobre tais representações.

Em relação ao recorte temporal, Neves (1997, p. 117) afirma que Heine (1991) defende o processo pancrônico – a impraticável separação entre diacronia e sincronia – uma vez que uma é dependente da outra. Nessa perspectiva, a gramaticalização pode ser descrita, ora pelo fenômeno diacrônico, ora pelo sincrônico.

A sincronia relaciona-se ao caráter instantâneo; a diacronia, ao gradual da gramaticalização. Considerado do ponto de vista histórico e dinâmico, o processo é gradual. Durante um determinado período, embora uma estrutura substitua a outra, as duas formas coexistem. Isso reflete o caráter gradual da mudança linguística. Na ótica sincrônica, que não se confunde com estaticidade, a descrição se aplica a latitudes da variação.

A questão entre a oposição sincronia e diacronia é muito pertinente nos estudos funcionalistas. Por meio da diacronia, é permitido visualizar a evolução linguística, a origem das formas gramaticais, bem como reconstruir a história de uma língua. Já, por meio da sincronia, é possível perceber a língua em funcionamento, contrastando as variações presentes

entre gerações. Dessa forma, optamos em fazer um breve estudo pancrônico. Do ponto de vista diacrônico, nosso objetivo é mostrar a formação do futuro por meio do verbo pleno *habere* que, posposto a um verbo pleno no infinitivo, como *amare habeo*, passou por um processo de auxiliarização, perdendo o sentido de possessivo e dando origem a uma forma sintética do futuro (o futuro simples). Na perspectiva sincrônica, nosso propósito é o de apresentar o percurso inverso desse processo, ou seja, a forma analítica.

Considerando que os estudos voltados à gramaticalização identificam diferentes estágios por quais passa uma forma linguística, optamos por apresentar uma breve discussão na seção 1.1 de algumas dessas possibilidades.

2.2. Alguns estágios da gramaticalização

Entre os estudiosos do processo da gramaticalização, existem divergências sobre os estágios pelos quais passam os itens lexicais e gramaticais. De qualquer modo, Lehmann (1995, *apud* Castilho, 1997, p. 31) identifica quatro fases da gramaticalização: sintaticização, morfologização, redução fonológica e estágio zero. Para exemplificar esses estágios, analisaremos sucintamente o tempo futuro verbal (a forma sintética e a perifrástica com o verbo *ir*):

- i) **Sintaticização:** É a recategorização de um item lexical. Assim, uma classe de palavra X passa à classe de palavra Y (CASTILHO, 1997, p. 32). Para a formação do futuro, por exemplo, o verbo *ir* deixou de ser um verbo pleno e recategorizou-se como verbo auxiliar. Do mesmo modo que, no plano diacrônico, o verbo possessivo *habere*, para originar a perífrase como *Amare habeo*, passa a indicar, de início a ideia de modo e, posteriormente, de futuro.

Ir (item lexical) > Vou viajar (verbo auxiliar para indicar futuro)

Habere (item lexical) > *Amare habeo* (verbo auxiliar)

- ii) **Morfologização:** É a criação de formas presas, que podem ser afixos flexionais ou afixos derivacionais (CASTILHO, 1997, p. 43). Conforme discutiremos a seguir, os morfemas do tempo

verbal futuro procedem de um verbo auxiliar. *Habere* se transforma no morfema {re} e *Ir*, por sua vez, no morfema {ia}.

- iii) **Redução fonológica/Desmorfemização:** É um processo no qual formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em formas presas, gramaticalizando-se como afixos. (CASTILHO, 1997, p. 46). Como exemplo, temos a redução fonológica de *habeo*, na formação do futuro, para o ditongo *ei*.
- iv) **Estágio zero:** é o “momento no qual a forma de tão utilizada vai deixando de ser funcional [...] e, na busca, de uma melhor representação do pensamento e de uma maior interação, outras formas vão sendo utilizadas”. (SOUSA, 2008, p. 72). Mais à frente, veremos que a forma latina perifrástica, como *amare habeo*, foi substituída pela sintética *amarei*. Atualmente, essa forma sintética está sendo substituída pela analítica.

Castilho (1997) apresenta quatro princípios que podem dar conta dos estágios da gramaticalização: a) Analogia; b) Reanálise; c) continuidade e gradualismo e d) unidirecionalidade. Entre esses princípios, nossa preferência é pela unidirecionalidade, uma vez que pretendemos evidenciar, com base na Teoria Multissistêmica, que é possível haver um percurso inverso do que propõem alguns autores.

Analogia:

é um princípio que opera no eixo paradigmático. Estruturas já existentes nas línguas naturais ganham novas funções. “A analogia não dá surgimento a expressões ou estruturas novas, ela simplesmente estende regras a itens ainda não atingidos, ‘uniformizando’, por assim dizer, as formas da língua”. (CASTILHO, p. 52)

Reanálise: “Princípio, em um eixo sintagmático, no qual as formas já existentes, como resultado de reflexos de novas interpretações e inferências, sofrem alteração semântica. Esse princípio possibilita o surgimento de novas formas, em oposição ao anterior”(SOUSA, 2008, p. 79)

Continuidade e gradualismo:

Esse princípio tem relação com o caráter cíclico da gramaticalização, em que “a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança linguística” (CASTILHO, 1997, p. 55). Entende-se que há uma continuidade da inovação da estrutura da língua.

Unidirecionalidade:

Esse princípio é alvo de grandes discussões em meio às pesquisas linguísticas. Podemos definir a unidirecionalidade como um processo no qual elementos lexicais, no decorrer do tempo, passam a desempenhar novas funções e a assumir um novo *status* como elemento gramatical. Em outras palavras, podemos entender esse princípio como uma sequência de mudanças que ocorrem na língua de maneira linear e gradual.

De acordo com Alonso, Cezario e Pinto (2013, *apud* Heine et al., 1991), a característica unidirecional da gramaticalização implica um *continuum* de abstratização que apresenta uma certa regularidade, como mostrado na escala a seguir. A abstratização ocorre da esquerda para a direita e corresponde à experiência do indivíduo com o mundo concreto: quanto mais próximo do indivíduo + concreto e quanto mais distante - concreto.

I. Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Essa escala representa o percurso da gramaticalização do elemento linguístico. Aqui, o item linguístico pode ou não mudar de categoria gramatical, mas obedece à escala proposta. Como exemplo, temos a gramaticalização do *ir*.

(1) Eu quero vê o que **vai acontecer** amanhã... (GNB)

(2) Eu fui no que [teve] agora. Na ot0a seman que vem **eu vô**. (LBR)⁵¹

No exemplo (1), *ir* pode ser usado como verbo pleno com sentido de deslocamento, movimento físico (espaço). No enunciado (2), ele pode comportar-se como verbo auxiliar marcador de tempo futuro. É possível, constatar, portanto, que a trajetória da mudança de *ir* passa do sentido

⁵¹ Exemplos extraídos do Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

concreto para o mais abstrato, representada na escala proposta por Heine et al (1991).

II. Espaço > Tempo

Essa linearidade implica uma mudança hierarquizada que ocorre da esquerda para direita e que, segundo estudiosos da gramaticalização, não pode ser rompida. Autores como Castilho (1997) e Alonso, Cezario e Pinto (2013) destacam que comumente itens lexicais que designam espaço físico resultam em itens linguísticos com significado temporal.

Alonso, Cezario e Pinto (2013, p. 40) citam com as palavras de Sweetser (1990, p. 9):

Ainda mais crucialmente, a ordenação histórica na qual os sentidos são adicionados a palavras polissemicas diz-nos algo sobre as relações direcionais entre sentidos; ela afeta nosso entendimento da estrutura cognitiva que permite perceber que o vocabulário universalmente espacial adquire significados temporais, e não ao contrário.

Um esquema fornecido por Hopper e Traugott (1993) evidencia um *cline* de mudança, no qual enfatiza o caráter categorial do léxico. (LIMA-HERNANDES, 2007, p. 23)

iii) item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo

Na presença dessa escala, Alonso, Cezario e Pinto (2013, p. 41) enfatizam que a unidirecionalidade é um tipo específico de mudança que promove o “rebaixamento de categoria” de um item lexical para uma estrutura mais gramatical, e não o contrário.

Até aqui, vimos que a unidirecionalidade é um princípio da gramaticalização propício a diferentes visões. Mas, apesar de autores, como Heine (1991) e Hopper e Traugott (1993), fornecerem escalas com mecanismos diferentes, eles concordam com a irreversibilidade do processo unidirecional. Os itens lexicais passam por um estágio linear, sequencial, e vão, ao decorrer do tempo, adquirindo novos *status*, seja gramatical, seja morfossintático.

Contudo, alguns estudos mais recentes, com um viés cognitivo, têm indagado o caráter unidirecional e gradual da gramaticalização.

Ferreira et al. (2000) afirmam que há duas maneiras de estudar a polissemia de um item linguístico; uma diz respeito à teoria da gramaticalização, que propõe a trajetória de mudança unidirecional. Outra análise refuta a hipótese de unidirecionalidade semântica e sintática nos processos de gramaticalização, uma vez que usos encontrados hoje já per-

tenciam à língua em estágios anteriores.

Matisoff (1991, *apud* Martelotta, Votre e Cezario, 1996) menciona a degramaticalização como um processo inverso à gramaticalização. Por exemplo, o item lexical *bus* é proveniente da terminação de dativo plural latina de *omnibus*.

Segundo Votre et al. (1996), Heine et al. (1991) mencionam os termos degramaticalização e regramaticalização. O primeiro refere-se à direção inversa da gramaticalização: quando uma unidade mais gramatical se torna menos gramatical. Já a regramaticalização acontece quando um item sem função adquire uma função gramatical.

Castilho (2004), a esse respeito, adota a teoria multissistêmica e defende que os estudos sobre a gramaticalização poderiam assumir a linguagem como um sistema múltiplo, complexo e dinâmico e substituir o princípio da unidirecionalidade pelo da multidirecionalidade.

Nas nossas considerações acerca dessa discussão, tomaremos como apoio a Teoria Multissistêmica, que será abordada na seção seguinte.

3. Teoria multissistêmica

Conforme Castilho (2004, p.37), autores da abordagem clássica da gramaticalização assumem a linguagem como uma combinação linear, um monte de peças sem ligações visíveis entre elas. Essa decisão é baseada no fato de se colocar no mesmo nível o atrito fonético, decategorialização morfológica, ampliação sintática de usos, enfraquecimento semântico (*bleaching*), pressões do discurso sobre o sistema linguístico. Tal ponto de vista permite situar o discurso, a gramática e a semântica em uma linha implícita, admitindo uma hierarquia entre eles. Esse raciocínio alinha a linguagem e subsume nossas funções mentais em termos de instruções sequenciais. (CASTILHO, 2004, p. 37)

O problema é que, dispondo tais categorias numa sequência linear [...], estamos admitindo que a mente humana, ao produzir a linguagem, opera através de impulsos sequencias, não simultâneos. Ora, linear é a língua escrita, nem haveria mesmo outro jeito de utilizá-la. Mas os fenômenos da língua falada, com seus simultaneísmos, antecipações do que ainda se vai falar, repetição, etc., mostram exatamente o contrário. Não mostram um mundo ordenado. Mostram um mundo complexo. (CASTILHO, 2014, p. 99)

Nessa abordagem multissistêmica, a língua é compreendida de duas maneiras: como processo e como produto. A língua-enquanto-

produto⁵² é um conjunto de categorias agrupadas em quatro subsistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Esses sistemas são considerados autônomos, não se admite aqui que um sistema deriva de outro, nem uma hierarquia entre eles.

A língua-enquanto-processo agrupa quatro domínios: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização. Esses processos organizam as línguas naturais e operam simultaneamente, não sequencialmente, dinamicamente (não são entidades estáticas) e multilinearmente (não são entidades unilineares). Nessa concepção, a língua pode ser definida como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizado em um multissistema operacional.

Diferentemente do que a ciência clássica postula, passagem do léxico <gramática por meio de uma trajetória linear e unidirecional, na abordagem multissistêmica, está sustentado que qualquer item linguístico exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais. Essas categorias são produtos, respectivamente, da lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização.

A articulação entre esses sistemas ocorre, de acordo com Castilho (2004), por meio de um dispositivo sociocognitivo que administra os sistemas linguísticos, ativando, desativando e reativando itens lexicais. Durante a interação, por exemplo, os participantes do ato de fala decidem administrar o léxico, por meio das propriedades ativar, reativar ou desativar. Esse dispositivo é "social", porque se baseia nos participantes do ato de fala, situações que ocorrem em uma conversa, e "cognitivo" porque lida com categorias cognitivas criadas pela comunidade de fala, como a visão, espaço, tempo, movimento etc. Esses princípios de ativação, reativação e desativação operam simultaneamente, não sequencialmente, o que compromete a unidirecionalidade, "se estivermos considerando os mecanismos intersistêmicos de produção linguística" (CASTILHO, 2014, p. 95)

A administração dos processos lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização, como já mencionado anteriormente, ocorre por meio dos princípios da ativação, reativação e desativação. Em

⁵² Segundo Castilho (2004, p. 509), ainda que timidamente, alguns estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua como processo, contudo trata a língua-enquanto-produto, uma vez que restringiu a gramaticalização a um epifenômeno. Já a ciência do sistema complexo ocupa-se da língua-enquanto-processo.

face desse pressuposto, faremos um recorte e descreveremos esses princípios vinculados somente ao que mais nos interessa: a gramaticalização.

- O princípio de ativação das propriedades gramaticais (gramaticalização) desencadeia a morfonologização e a sintaticização.

A morfológização foi o que ocorreu com o futuro românico, em que *habere*, por exemplo, se transforma no morfema {re}, ou {e}, se considerar que {r} é morfema do infinitivo. “Formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em presas, gramaticalizando-se como afixo”: A forma trissilábica *habeo*, na formação do futuro românico, reduziu-se ao ditongo *ei*. (CASTILHO, 1997, p. 46)

Esse dispositivo é responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais da língua.

- A reativação produz a regramaticalização (poligramaticalização e reanálise).

A formação do futuro passou pelo processo de reanálise

[...] Seja a expressão *haec dicere habeo* “disponho de algumas coisas para dizer”, em que *habeo* é Possessivo, tendo *haec* por objeto direto. Numa primeira reanálise, ela passou a ser interpretada como [*haec dicere*] *habeo*, “tenho que dizer estas coisas”, em que todo o segmento entre colchetes foi analisado como objeto direto de *habeo*, ao mesmo tempo em que este verbo deixava de ser Possessivo, transformando-se em Auxiliar Modal. Numa segunda reanálise, aumenta a conexão sintática entre *dicere* e *habeo*, *haec* passa a complemento desse conjunto, reinterpretando como *haec* [*dicere uro*] [*habeo*] “tenho de dizer algo”. Está última reanálise abriu as portas à fusão fonológica da expressão entre parênteses, surgindo assim o novo morfema de Futuro {re}, desaparecendo os morfemas {-bo/am} do latim culto. (CASTILHO, 1997, p. 54)

- A desativação das propriedades gramaticais (desgramaticalização) explica a categoria vazia, de que se encontram exemplos na Fonologia (como erosão fonética), na Morfologia (morfema flexional zero) e na Sintaxe (elipse de constituintes sentenciais).

Um morfema que foi trabalhosamente construído pode desaparecer. É o momento máximo de exaustão da estrutura, e anuncia a retomada do processo inicial, por meio do qual uma expressão perifrástica o fará surgir novamente. (CASTILHO, 1997, p. 46).

Ex: *Amar ia* > *Amaria* > *ia amar*

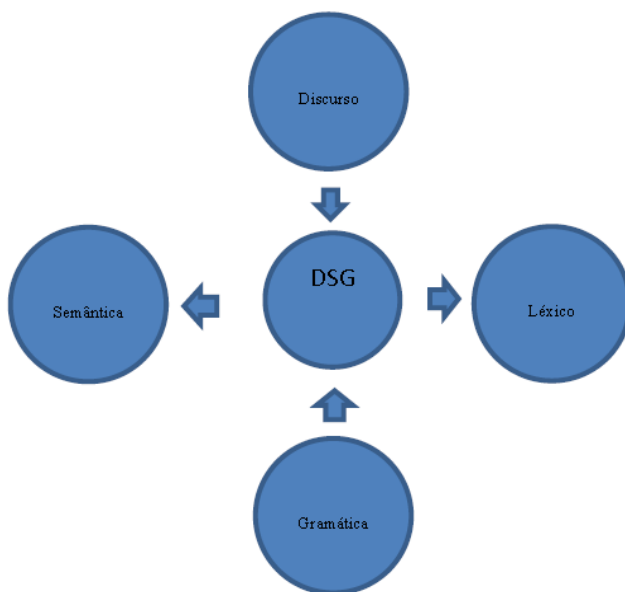
Amare habeo > *amarei* > *vou amar*

A unidirecionalidade nessa teoria pode ser admitida no interior dos subprocessos: fonológico, morfológico e sintático, uma vez que os subsistemas de Fonologia, Morfologia e Sintaxe são estruturalmente determinados.

Reconhecemos, portanto, a unidirecionalidade na redução fonológica em *Amare habeo*, que fez surgir o futuro sintético:

amarábeo > amáraveo > amarayo > amaray > amarei.

Para uma melhor compreensão da abordagem multissistêmica, apresentamos o seguinte gráfico proposto por Castilho (2014, p. 96):



No gráfico, a sigla DSG significa dispositivo sociocognitivo. As flechas indicam que o dispositivo se relaciona com todos os sistemas linguísticos. Não há regras de dependência, nem linhas que indicam uma unidirecionalidade. Por reconhecer que as categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais convivem em subsistemas auto-organizados e multilineares, não há, aqui, a possibilidade de derivar categorias umas das outras e haver uma unidirecionalidade

Baseados na teoria multissistêmica, podemos admitir, ao lado da unidirecionalidade, a multidirecionalidade no fenômeno estudado. Essa

afirmação se baseia nos seguintes argumentos:

1. A ocorrência do processo inverso do nosso objeto de estudo: a perifrástica para o futuro, como nos mostra a Tabela 1: o processo que ocorreu no latim (forma analítica > forma sintética) acontece de forma inversa no português brasileiro atual (forma sintética > forma analítica).

Latim clássico	Latim vulgar	Língua românica	Português brasileiro
Futuro sintético	Futuro Analítico	Latim sintético	Futuro analítico
Ex.: <i>Amabo</i>	Ex.: <i>Amare habeo</i> <i>Amar ia</i>	Ex.: <i>Amarei</i> <i>Amaria</i>	Ex.: <i>Vou amar</i> <i>la amar</i>

Tabela 1

Durante o latim clássico, o futuro se apresenta na forma sintética (*Amabo*), mais tarde, no latim vulgar, o verbo *haver* sofreu um processo de auxiliarização (*Amare habeo*), passando a fazer parte da perífrase para o futuro, que, de início, codificava modo, com ideia de obrigatoriedade. Ao transitar de verbo pleno a auxiliar, o verbo *haver* perdeu seu sentido original, ao indicar futuro/modalidade. Depois dessa constituição (futuro sintético), retoma-se o processo novamente, contudo, dessa vez, na ordem: sintético > analítico, como apresentado anteriormente.

2. Não podemos dizer de uma unidirecionalidade, na medida que, há tempos, as noções de espaço e de futuro/modalidade coexistem, por meio do verbo *ir*.

Estudos empreendidos por Coelho (2006, p. 137) atestam que, já no período arcaico, a gramaticalização de *ir* não se encontrava em estágio inicial, o que sugere, segundo a autora, que o processo de gramaticalização desse verbo iniciou-se em período anterior, ou seja, quando era falado o galego-português, o romance ou mesmo o latim. Segundo Menon (2000, p.232), a gramaticalização de *ir* como auxiliar é muito antiga na língua. (GONÇALVES, 2012, p. 406)

3. Oliveira (2004), contribuindo com essa discussão, apresenta a hipótese de que a formação do condicional ocorreu por meio do *ir* (infinitivo + *ia*). Assim, podemos supor que o *ir* deixou de ser um afixo e passou a ser auxiliar (*ia amar*). Mais uma vez, ele se aglutinou a um infinitivo e formou o futuro condicional (*amaría*) do português brasileiro, e atualmente apresenta-se em forma de perífrase. Assim, questionamos a unidirecionalidade da gramaticalização proposta por Hopper e Traugott (1993), uma vez que o *ir*, que anteriormente era afixo, passou a ser verbo auxiliar.

Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > Clítico > afixo



Afixo < verbo auxiliar

Amaria < **ia** amar

Assim, com o exposto, facilmente visualizamos que uma forma que era presa tornou-se livre, o que contraria o pressuposto da Unidirecionalidade, no qual, durante a mudança linguística, se estabelece um *continuum*: em que itens linguísticos passam de uma condição mais gramatical (verbo auxiliar) para uma menos gramatical (afixo), e não ao contrário (afixo > auxiliar).

4. Conclusão

A gramaticalização tem sido entendida como um trajeto linear do léxico > gramática, e não o contrário. Mas, diante do que foi exposto aqui, podemos entender que é possível um trajeto inverso. Por isso, concordamos com a teoria multissistêmica proposta por Castilho (2004), ou seja, que o sistema seria melhor analisado se não visto de forma linear, hierárquica e unidirecional, mas, sim, de maneira independente, em uma inter-relação, como observado no gráfico proposto por esse teórico. Ao pensarmos na mudança linguística, seria propício, baseados na proposta multissistêmica, situarmos as perdas e os ganhos de maneira radial – sem deixar de lado a regularidade da língua –, por meio de movimentos múltiplos e simultâneos.

Além disso, estudos diacrônicos mostram que, além da evidência da mudança unidirecional, alguns elementos linguísticos são encontrados em estágios anteriores da língua. Isso nos leva a repensar o princípio da unidirecionalidade.

Se observássemos nosso objeto de estudo apenas do ponto de vista sincrônico, poderíamos reafirmar o processo de gramaticalização por meio do princípio da unidirecionalidade: um item lexical (*ir* em seu sentido pleno de movimento) passou a ser gramatical (abstratização). Contudo, ao analisarmos na perspectiva diacrônica, podemos supor uma mudança de direção, uma vez que na formação do futuro condicional, o *ir* deixou de ser um afixo e passou a ser auxiliar (*ia* amar). É digno,

portanto, concordar com Castilho (2004) e ampliarmos a nossa visão, compreendendo que, ao lado de um possível princípio da unidirecionalidade, convive o princípio da multidirecionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1961.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. A gramaticalização. *Cadernos de estudos linguísticos e literários*. Salvador: UFBA, n. 19, p. 25-60, 1997.

_____. Entrevista. *Revista Prolíngua*. Paraíba: UFPA, v. 9, n.2, p. 87-100, 2014

_____. Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 35-48, 2004.

CUNHA, Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Cunha; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DOLORES, Garcia Carvalho; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1987.

GONÇALVES, Alcione. O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico. *Revista Eletrônica de Linguística*, vol. 6, n. 1, p. 392-416, 2012.

GONÇALVES, Sebastião C. L. et al. Tratado Geral sobre Gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião C. L.; HERNANDES-LIMA, Maria C.; CASSEB-GALVÃO, Vânia C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização*. Homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Parábola, 2007, p. 15-66.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; VOTRE, Sebastião J; CEZARIO, Maria M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Eduardo M; VOTRE, Sebastião J; CEZARIO, Maria M (Orgs.). In: *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____; ALONSO, Karen Sampaio. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson de Rosa (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. A modalidade. In: KOCH, Ingedore Villaça. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2002.

_____. Introdução ao funcionalismo: Preposições, Escolas, Temas e Rumos. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, p. 13- 28, 2004.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 252f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). – Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Marilza de. Amare aveva or amre iva? A new look at the grammaticalization of Portuguese Conditional. *Linguística*, São Paulo: ALFAL-USP, n. 15-16, p. 175-184, 2003-2004.

PINTO, Deise C. de M; ALONSO, Karen S. B; CEZARIO, Maria M. Trajetórias: Mário Martelotta e os Estudos em Gramaticalização. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria A. F. da. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Maud X, FA-PERJ, 2013.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola, 2008.

SOUSA, Valéria Viana. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome*. 2008. 171 f. Tese (Doutorado). – Universidade Federal da Paraíba, João

Pessoa.

VOTRE, Sebastião J; CEZARIO, Maria M. Gramaticalização na ordenação vocabular de sujeito e auxiliar-verbo. In: MARTELOTTA, Eduardo M; VOTRE, Sebastião J; CEZARIO, Maria M (Orgs.). In: *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

WILSON, Victoria; MARTELLOTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.